

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS SUBJETIVIDADES, OS INTERSTÍCIOS E O CAPITALISMO

LEONARDO PERDIGÃO LEITE¹.

¹ Doutorando em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. leoperdigaoleite@yahoo.com.br.

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica acerca do tema da subjetividade, entendida como uma negociação entre os elementos humanos, não humanos e os ambientes. Dessa forma, o objetivo é mostrar como a produção da subjetividade passa pelo o que Debaise (2013) chama de *dinâmica da infecção*, ou seja, que há uma negociação entre as diversas partes envolvidas e que é necessário que haja interesse nas interações entre esses elementos. Por esse viés, o indivíduo e sua interioridade não são os principais responsáveis na produção de subjetividade. Os atores não humanos e o espaço passam a ter papel fundamental na produção das subjetividades e são partes constituintes dos sujeitos, levando-os a desenvolver certas atividades, gostos e emoções. Faz-se necessário reforçar que a dinâmica é dada a partir dos encontros e das trocas ocorridas entre os diversos elementos que entram em relação. Ademais, são tecidas considerações sobre a importância da produção de subjetividade para a manutenção do sistema capitalista de produção.

Palavras-chave: Produção de Subjetividade; Dinâmica da infecção; Não Moderno; Espaço.

CONSIDERATIONS ABOUT THE SUBJECTIVITY, INTERSTICES AND CAPITALISM

ABSTRACT

The present article consists in a bibliographical review about the theme of subjectivity, understood as a negotiation between human, non human elements and the environments. Therefore, the objective is to show how the production of the subjectivity goes through what Debaise (2013) defines as the *dynamics of infection*, that consists in a negotiation among several parts involved and that is necessary an interest between this parts for a good interaction to happen. By this theory, the individual and his interiority are not considered the principal actors in the production of subjectivity. The non human actors and spaces are understand as an important part of subjets and led them to

develop several activities, emotions and preferences. We need to reinforce that the dynamics is made through trades between elements that goes into relations. Furthermore, we make several considerations about the importance of the production of subjectivity to the maintenance of the capitilistic productive system.

Keywords: Subjectivity; Dynamics of Infection; Non Modern; Space.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a subjetividade não é uma força interior do indivíduo – ou que só dependa dele para se desenvolver – é possível tecer uma série de questionamentos sobre o que é; para que serve; e como se produz a subjetividade. Dessa forma, podemos nos questionar e pensar sobre as diversas correntes modernas que pensam a subjetividade como uma esfera interiorizada do sujeito e modos de escapar dessas conceituações. A questão não é de dizer que o modelo moderno e as ideias tradicionais acerca da subjetividade estejam erradas, mas de expandir o conceito, de abrir novas possibilidades.

Perguntamo-nos então, qual o papel dos não humanos na produção da subjetividade? A subjetividade é apenas uma esfera humana? Qual a "interferência" do ambiente e dos espaços geográficos na subjetividade? Devemos pensar em subjetividade ou modos de subjetivação? Não necessariamente, teremos respostas a essas perguntas, pois não é meu desejo fechar a questão, mas abri-la em outras direções. Somam-se a essas perguntas outras como: de onde vêm meus sentimentos? O que me afeta e como me afeta? Talvez aqui seja necessário levar em consideração o famoso "mantra" da Teoria Ator-Rede (TAR): "o que faz fazer? "

Este trabalho foi feito por meio de uma revisão bibliográfica e teve como ponto de partida as provocações e as ideias de autores como Deleuze, Guattari (2011; 2012), Law e Lin (2017), Latour (2005) , Pelbart (2016) e Lazzarato (2014), para pensar as subjetividades como uma produção que se dá na negociação entre diversos elementos humanos e não humanos. Assim, o texto se encontra dividido em quatro partes: a primeira ressalta a importância da obra *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari (2011) para se pensar outras possibilidades de produção de subjetividade; a segunda conta com uma discussão sobre os interstícios e de como a *dinâmica da infecção* pode sugerir um modelo que seja pautado pelas coisas que ocorrem entre os diversos elementos e não

neles mesmos; a terceira ressalta a importância dos espaços e dos não humanos nas subjetividades; a quarta contém uma discussão sobre a importância da produção da subjetividade para a manutenção do sistema capitalista de produção.

2 MIL PLATÔS

A obra *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari (2011) é um aporte teórico poderoso para expandir o pensamento para fora do escopo moderno/tradicional. É possível identificar no livro, em português, dividido em cinco volumes, uma série de conceitos criados para tentar fugir dos binarismos e dualidades. Alguns exemplos são os *agenciamentos*, os *rizomas*, o foco nas *multiplicidades*, o constante atravessamento das *linhas* e a lógica do *devenir*.

O livro de 1980 não é unanimidade — ainda bem — e sofreu/sofre uma série de críticas como ser um aparato teórico que não serve para nada além do uso intelectual acadêmico, por conta de seus inúmeros conceitos. Outra delas é a acusação de uma cumplicidade com o neoliberalismo, argumento normalmente desenvolvido e utilizado contra várias correntes teóricas que não são pautadas em autores da tradição marxista, como, por exemplo, os pensadores pós-modernos.

Como é salientado pelos autores no prefácio a edição italiana, *Mil Platôs* se distancia do projeto começado em *O anti-Édipo* que tinha uma espécie de ambição kantiana. Já o primeiro, é um projeto construtivista, anti-hegeliano com foco nas multiplicidades. Nas palavras dos autores,

Em *Mil Platôs*, o comentário sobre o Homem dos Lobos ("Um só ou vários lobos?") constitui nosso adeus à psicanálise, e tenta mostrar como as multiplicidades ultrapassam a distinção entre a consciência e o inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma. As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.10).

Faz-se necessário, então, compreender as características das multiplicidades, como essas são dispostas e analisadas pelos autores e mais do que sua conceituação, como se dá seu funcionamento. Há sempre uma instância pragmática nas proposições de Deleuze e Guattari, juntamente com a ideia da experimentação ao invés da interpretação. Eles seguem:

Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempo, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*. (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.10-11, grifos dos autores).

O objetivo não é fazer um resumo do livro, mas trabalhar algumas ideias que possibilitem pensar a subjetividade e os processos de subjetivação de outras maneiras, passando pelos agenciamentos, pelos encontros, pelos acontecimentos e pelas experimentações.

O primeiro conceito a ser desenvolvido é o de rizoma ou de uma lógica rizomática. O rizoma seria uma espécie de gramínea, bulbos e tubérculos que se opõe a lógica da árvore centralizadora. O rizoma se pauta pela abertura em diversos pontos, pela multiplicidade e pela não binaridade. A primeira ressalva a ser feita é de que o rizoma pode se tornar tão ou mais duro que a lógica da árvore, por isso é necessário ter prudência na operação dos conceitos.

O rizoma opera na lógica do "e e" não na lógica do "ou ou" e se encontra no meio, entre as coisas, inter-relação. O meio, na visão dos autores, não é um espaço de passagem, nem uma média entre dois termos, mas o local onde as coisas adquirem velocidade. "Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio" (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 49).

O rizoma possui seis princípios operativos que são dispostos em 1º e 2º; 3º; 4º; 5º e 6º. Os dois primeiros são os *princípios de conexão e de heterogeneidade*, ou seja, qualquer ponto de um rizoma pode ter conexões com outros, há múltiplas entradas e saídas. O terceiro é o *princípio da multiplicidade* que foge da lógica relacional com o uno, seja sujeito ou objeto. O quarto é o *princípio de ruptura assignificante*, ou seja, a operação por uma lógica não binária na qual os cortes, as rupturas podem levar as mais variadas situações, sejam elas linhas de fuga criativas ou estratificações duras. Os dois últimos princípios são de *cartografia e de decalcomania*, que passa pela ideia de que os rizomas não podem se justificar por modelos ou estruturas e que são como mapas,

abertos, modificáveis e não como decalques que reproduzem uma imagem anterior (DELEUZE e GUATTARI, 2011).

E o que esse conceito nos ajuda a pensar de outras formas a produção de subjetividade? A lógica rizomática traz à luz uma série de discussões que foi feita por diversos filósofos e sociólogos, mas que foi abandonada ou relegada pela Modernidade por serem "pseudocientíficas". Ademais, por não se pautar em uma lógica binária ou dualista, temos nosso campo de visão, nosso espectro ampliado.

A ideia de processos de individuação que foge do princípio da identidade — herança de Simondon (1964) e Tarde (2007) na obra dos autores — abre espaço para que outros objetos, outras coisas sejam consideradas como produtoras de significação e subjetividade. Atualmente, é muito fácil visualizar que as fronteiras dos humanos e não humanos se dissipam paulatinamente. Um exemplo são os celulares que, cada vez mais, são como extensões de nossos corpos, outro é o uso de pulseiras ou relógios que substituem cartões de crédito e dinheiro.

É preciso pensar nesses objetos e coisas não humanas como mediadores e não como meros intermediários. Os mediadores tem um viés *performativo* na proposição de Latour, (2005) sendo definidos pelo desaparecimento dos objetos caso esses não sejam performados.

An intermediary, in my vocabulary, is what transports meaning or force without transformation: defining its inputs is enough to define its outputs. For all practical purposes, an intermediary can be taken not only as a black box, but also as a black box counting for one, even if it is internally made of many parts. Mediators, on the other hand, cannot be counted as just one; they might count for one, for nothing, for several, or for infinity. Their input is never a good predictor of their output; their specificity has to be taken into account every time. Mediators transform, translate, distort, and modify the meaning or the elements they are supposed to carry¹ (LATOUR, 2005, p. 39).

Por esse viés, os objetos, ou melhor, os não humanos que se portam como mediadores exercem papéis mais relevantes do que àqueles que normalmente lhes é dado; de simples coisas usadas ou manipuladas pelos humanos, que os dominam, controlam e antecipam seus efeitos. Outros conceitos desenvolvidos por Deleuze e

¹ Um intermediário, no meu vocabulário, é aquilo que transporta significados ou forças sem transformá-las; definir suas entradas é suficiente para definir suas saídas. Para todos os princípios práticos, um intermediário pode ser entendido como uma caixa preta que conta como um, mesmo que seja feito de várias partes internas. Mediadores, por outro lado, não podem ser contados apenas como um; eles podem contar por um, por nada, por muitos, ou por infinitos. Suas entradas não são bons indicadores de suas saídas; sua especificidade deve ser sempre levada em consideração. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem, e modificam o significado ou os elementos que supostamente carregam.

Guattari que podem auxiliar no desenvolvimento de uma subjetividade não moderna são das linhas. A *linha molar* ou dura, de segmentos rígidos com passagens e territórios bem definidos. A *linha molecular* ou maleável, de segmentos flexíveis com picos de desterritorialização relativa. E a *linha de fuga*, de explosão de segmentos, do devir-imperceptível e da desterritorialização absoluta (DELEUZE e GUATTARI, 2012).

Alguns cuidados são necessários antes de definirmos melhor os três tipos de linha. Não há hierarquia entre as linhas e elas estão em constante interação, assim não é questão de exacerbar as linhas de fuga ou moleculares em detrimento das molares. Também não se pode cair em binarismos ou dicotomias com juízo de valor como a linha molar é boa e a molecular ruim. A principal questão é de saber como se dá o jogo, a interação, o entrelaçamento entre os três tipos de linha.

Os autores lançam mão de três contos para definir os tipos de linhas. O primeiro intitulado *In the cage* de Henry James, irmão de William James, contém a definição das três linhas de acordo com o desenvolvimento da história. A linha molar é tida como aquela em que é possível prever e contar, o início, o meio e o fim dos segmentos assim como a passagem de um segmento a outro. Nela, tem-se um porvir e não um devir. Já a linha molecular, é aquela que possui velocidades que ultrapassam aquelas que podem ser percebidas por nós. E a linha de fuga é alcançada quando não se admite qualquer segmento, ou seja, com a explosão das duas séries segmentares, é uma linha puramente abstrata. Segue-se, aqui, com o resumo feito pelos autores,

Há pelo menos três delas: de segmentaridade dura e bem talhada, de segmentação molecular e em seguida a linha abstrata, a linha de fuga, não menos mortal, não menos viva. Na primeira há muitas falas e conversações, questões ou respostas, intermináveis explicações, esclarecimentos; a segunda é feita de silêncios, de alusões, de subentendidos rápidos, que se oferecem à interpretação. Mas se a terceira fulgura, se a linha de fuga é como um trem em marcha, é porque nela se salta linearmente, pode-se enfim falar aí "literalmente", de qualquer coisa, talo de erva, catástrofe ou sensação, em uma aceitação tranquila do que acontece em que nada pode mais valer por outra coisa. Entretanto, as três linhas não param de se misturar. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 77, grifo nosso).

Através de outro conto, dessa vez *Crack Up*, de Scott Fitzgerald, os autores desenvolvem mais características das linhas. Os autores tomam como foco a pergunta de Fitzgerald "O que aconteceu?" para desenvolver certas características da linha molecular. A grande questão é: não se sabe, pois não se percebe. Há um movimento imperceptível que opera redistribuições de desejo e escapam a lógica do "eu" que espera. Como é salientado por Deleuze e Guattari (2012), a linha molecular não é

pessoal nem interior, mas ao contrário, põem em jogo, em relação todas as coisas — sob uma lógica do rizoma, com outras escalas, segmentos e formas — e, com isso, constituem uma micropolítica.

A terceira novela é *Histoire du gouffre et de la lunette*, de Fleutiaux. O autor descreve o funcionamento de uma luneta que sobrecodifica todas as coisas, a serviço de um aparelho de Estado que tenta estabilizar todas as coisas, ou seja, de uma linha molar. Já outro funcionamento é permitido pelo uso dos telescópios, que possibilitam olhares mais definidos, podendo identificar aquilo que escapa a luneta macro, os detalhes, as pequenas possibilidades, movimentos quase imperceptíveis. Para Deleuze e Guattari: "É como em uma sociedade: como os segmentos duros e sobrecortantes são cortados por baixo por segmentações de uma outra natureza" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 81).

Desenvolve-se aqui a ideia de que somos compostos, atravessados por diversos tipos de linha que não têm mesmo ritmo e natureza. Mais uma vez são identificados três tipos ou conjunto de linhas, visto que cada espécie é múltipla. As linhas que são impostas de fora, pelo menos em parte; as linhas que nascem do acaso, do nada, sem se saber exatamente o porquê; e as linhas que devem ser inventadas, traçadas sem nenhum modelo prévio. A primeira tem ressonâncias com as linhas molares, a segunda com as moleculares e a terceira com as linhas de fuga. Salienta-se, mais uma vez, que as linhas se cruzam e podem ser sobrepor em certos momentos e por tempo indeterminado.

Utilizando o trabalho de Deligny (1975) com crianças autistas, Deleuze e Guattari estipulam uma espécie de funcionamento das linhas. Dizem os autores, "Em suma, uma linha de fuga, já complexa, com suas singularidades; mas também uma linha molar ou costumeira com seus segmentos; e entre as duas (?), uma linha molecular, com seus quanta que a fazem pender para um lado ou para outro" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 84).

Seguindo ainda a obra de Deligny (1975), desenvolvem-se algumas questões. Primeiro, de que essas linhas não querem dizer nada por si só. Segundo, que não é uma questão de linguagem, mas justamente a linguagem que deve seguir essas linhas e, por isso, também não é uma questão relacional com significantes que surgem nesses segmentos e não dão origem a eles. E, por último, não há relação com uma estrutura ou modelo nem como o fechamento de um sistema.

Deleuze e Guattari (2012) partem, então, para os problemas que se colocam em relação às linhas. O primeiro diz respeito ao caráter particular de cada uma e a errônea compreensão de que cada uma se desenvolve sem relação com a outra e seguem esferas predeterminadas, imaginárias ou de fuga. O segundo problema diz respeito à importância respectiva das linhas. Aqui, os autores ressaltam que se pode começar uma análise pela linha molar, o que acarreta maior facilidade na identificação dos combates e alianças com as outras linhas, mas também se pode partir da linha de fuga com outros combates, alianças e funcionamentos. O terceiro problema é que há imanência mútua das linhas e para os autores, não há nenhuma transcendência, apenas imanência em toda parte com interferência de uma linha na outra. O quarto problema diz respeito ao perigo que cada linha possui. Não se fala muito dos perigos da linha molar, pois o endurecimento de seu funcionamento a torna pouco passível de sofrer modificações. A linha molecular apresenta uma ambiguidade que também é pouco desenvolvida pelos autores. O foco é nas linhas de fuga. Elas são linhas de vida, mas também linhas de morte que trazem a possibilidade da destruição. É por isso que não se pode bradar aos quatro ventos afirmações como viva as linhas de fuga! Abaixo as linhas molares! A saída é pelo molecular! (DELEUZE e GUATTARI, 2012).

Há uma constante troca entre esses polos não binários, apropriações, fugas, criação de novos modelos, novas possibilidades e virtualidades. Não é questão de extinguir o tradicional, mas de ampliar as potencialidades do mundo, de multiplicar os modelos. Nas palavras de Lapoujade: "Criar novos corpos, individuais, amorosos, coletivos, políticos, mas também novos enunciados, fabulações e delírios, tal é a tarefa ao mesmo tempo estética, política e filosófica" (LAPOUJADE, 2015, p. 305).

3 O ENTRE

A ideia do entre, do interstício, de um jogo de relações está presente em Deleuze e Guattari, assim como em Whitehead, Debaise, Law e Lin. Desenvolvem-se, aqui, os argumentos de Law e Lin (2017) e de Debaise (2013).

Law e Lin (2017) escreveram um texto com o título de *Knowing between: patterning, ziran and nature*. A proposta dos autores é de estabelecer um pensamento que seja desenvolvido no entre através de quatro tipos de padronizações. O primeiro argumento desenvolvido pelos autores é de que a cisão natureza-cultura realizada pelo

pensamento euro-americano na Modernidade tenta purificar as práticas, ou seja, as coisas são apenas culturais ou apenas naturais. Essa separação é insustentável na visão dos dois que utilizam como exemplo a medicina chinesa e mais especificamente o conceito de *ziran* que é encenado de diversas maneiras ao longo da história da prática medicinal. Mesmo sendo uma prática milenar, a medicina chinesa não é reconhecida pelos críticos modernos, que levam em conta que ela não pode ser verificada por instrumentos modernos; não pode ser matematizada; e porque ela não pode ser explorada por uma lógica analítica. Assim, para os padrões científicos modernos, a medicina chinesa é mais um fetiche, uma prática sem eficiência comprovada, questão de crença.

A ideia do entre — *in between*— é trabalhada explorando alguns aspectos da medicina chinesa. Os autores mostram que o foco não é na doença ou no corpo, mas no que acontece entre os dois.

And this is why CM uses terms such as *yin* and *yang*, terms *that cannot be directly defined*. There are various ways of (not quite) saying this. One is to note that they only make sense in the dynamics that unfold *between* them across the patient, the body of the patient and the Dr Jen's use of language has shown one way to instantiate the patterning of *ziran* in CM. Here, cold and heat are treated as if they were inside the body. But we will see this is not exactly what CM patterning is about environment – an environment that includes the physician and his/her interventions."² (LAW e LIN, 2017, p. 7-8).

Os autores apontam que o processo de padronização sugere uma estratégia prática que é desenvolvida de acordo com a especificidade da ação; por isso, não é possível pensar em estruturas e padrões universais, por mais que as práticas possam ser parecidas, elas sofrem alterações, pouco ou muito perceptíveis, quando encenadas. Dessa forma, o conhecimento desenvolvido no entre é *situado, localizado*. Nas palavras dos autores,

Patterning does not deal with 'thingness' or 'objects out there.' Instead it knowingly detects and *generates realities-as-appearances*, realities that lie between how analysis is done, the tools for analysis, and 'the object' being analysed. Between, that is, the theoretical and the empirical, the subject and the object, and modern biomedicine and non modern CM. (LAW e LIN, 2017, p.15, grifos dos autores).³

² É por isso que a medicina chinesa usa termos que não podem ser diretamente definidos como *ying* e *yang*[...] é preciso notar que eles só fazem sentido na dinâmica que se desdobra entre o paciente, o corpo do paciente e o ambiente — que envolve as intervenções do médico.

³ Padronizar não lida com a "coisidade" (*thingness*) ou "objetos lá fora". Ao invés disso, ela detecta e gera *realidades como aparições* conscientemente, realidade que se localiza entre o jeito no qual a análise é

Podemos compreender que o *entre* não é visto como um mero lugar de passagem que não soma ou não desenvolve nada. Ela faz parte de uma lógica não binária, local, situada que não segue, necessariamente, os métodos e padrões da ciência moderna.

Debaise desenvolve a ideia do interstício pautado na filosofia de Whitehead, principalmente pela frase "Life lurks in the interstices of each living cell, and in the interstices of the brain"⁴ (WHITEHEAD apud DEBAISE, 2013, p.101). O filósofo francês aponta para uma possibilidade inexplorada na obra de Whitehead que pode levar a um novo tipo de coerência que ainda não foi desenvolvido por outros teóricos.

Apesar de a proposição focar os interstícios, Debaise (2013) reforça que não há uma definição sistemática desse conceito na obra de Whitehead (1929). Mesmo assim, Debaise (2013) identifica duas dimensões nos interstícios, uma temporal e a outra espacial. A dimensão espacial designa os espaços intermediários, vazios, as fissuras de um corpo e todas as zonas que contrastam com um objeto completo. A vida se desenvolve nos espaços vazios e não nos espaços ocupados. Já o aspecto temporal, é um intervalo entre dois momentos, como, por exemplo, o intervalo entre duas notas musicais em uma melodia. O intervalo, dessa maneira, pode ser considerado como uma ausência de ação que separa dois eventos ou atos. Aqui as coisas se complicam um pouco: o autor diz que o ritmo das notas é dado pelos silêncios, mas pode haver uma inversão, o ritmo dos silêncios é dado pelas notas, ou como no exemplo dado por ele, pelo barulho dos trovões. Desenvolve-se, então, o conceito de *ritmo*, juntamente com a noção de *intervalo*. Ritmos de vida, ritmos de processos criativos, ritmos de eventos.

A virada proposta por Debaise (2013) considera que os intervalos não são momentos de puro nada que contrastam com eventos sucessivos, mas que eles possibilitam a originalidade e a consolidação de eventos particulares. Há uma esfera não social, não natural que possibilita a emergência e a consolidação de práticas sociais e naturais, sem que essas sejam categorias diametralmente opostas.

A partir disso, o autor desenvolve a ideia de sociedade em Whitehead (1929), que têm uma série de ressonâncias com o pensamento de Gabriel Tarde (2007). Ambos

feita, nas ferramentas utilizadas, e no "objeto" analisado. Entre o teórico e o empírico, entre o sujeito e o objeto, entre a medicina moderna e a medicina chinesa não-moderna.

⁴ A vida espregueia nos interstícios de cada célula viva, e nos interstícios do cérebro.

consideram que as células, os cérebros e outros elementos naturais são sociedades. E que a sociedade consiste na persistência de uma ordem. Nas palavras de Debaise,

We might say exactly the same with Whitehead's concept of 'societies'. The aim is not to say that thunder and a cell are the same thing from a speculative point of view, but that their difference will have to be determined starting from the shared requisites that will give their distinction its whole importance. It is because a common ground has been established artificially that we are able to trace the importance of trajectories that will define a society as physical or as living, a reality as sensory or ideal, real or imagined. The difference between a stone, a clap of thunder and a cell should not be sought in particular essences but in *trajectories*. ⁵(DEBAISE, 2013, p.104, tradução nossa, grifo do autor).

A ideia de trajetória também aparece nas obras de Souriau (2015) e Latour (2013). Podemos estabelecer relações entre elas, pois as três consideram o percurso prático, as ações que são desenvolvidas ao longo de um caminho que possibilitam o rastreio, o traçado da trajetória. A ideia é de que há interferências, desvios, mudanças e não um projeto linear, fechado e imutável.

Debaise (2013) ainda desenvolve, no seu texto, uma diferença entre sociedades físicas e sociedades vivas que não nos interessa muito para este trabalho. Além dos intervalos e trajetórias, o interesse do pesquisador se volta para o que o autor chama de *dinâmica da infecção*. Mais uma vez, é possível tecer relações com a ideia de *contaminação* de Tarde.

A dinâmica da infecção é o interesse e a interrelação entre os seres vivos e os ambientes, mas essas relações não são estabelecidas de uma vez só e nem eternamente — aqui há ressonância com as obras de Latour e Law que tratam de estabilizações provisórias — mas variam de acordo com as negociações, que são igualmente variáveis. Segundo Debaise "The only points of stability are these dynamics themselves, the negotiated and changing relations between the living and the environment"⁶ (DEBAISE, 2013, p.107).

⁵ Nós podemos dizer a mesma coisa do conceito de sociedade de Whitehead. Não é questão de dizer que o trovão e as células são a mesma coisa de um ponto de vista especulativo, mas que suas diferenças terão que ser determinadas começando pelos requisitos compartilhados que darão a suas distinções toda sua importância. É por causa da estabilização artificial desse terreno comum que nós somos capazes de rastrear a importância das trajetórias que irão definir as sociedades como física ou vivente, a realidade como sensorial ou ideal, real ou imaginária. A diferença entre uma pedra, um trovão e uma célula não deve ser procurada em essências particulares, mas em suas *trajetórias*.

⁶ Os únicos pontos de estabilidade são essas dinâmicas elas mesmas, o negociado e as relações mutáveis entre os viventes e o ambiente.

É possível conceituar os seres vivos, a partir dessa ideia, como aqueles que infectam e que se deixam infectar. O autor segue seu argumento mostrando que as infecções podem ser tanto destrutivas, quanto construtivas, não há uma atribuição de valor ou moral sobre elas. O ponto principal seria mostrar a importância das diversas relações de dependência, atividade, contágio e dos processos de integração pelos quais os seres vivos se apropriam de elementos ambientais. "Everything happens in the zones *in between* bodies and their environment, in what we have described as 'interstices'. Bodies and environments are infected in their non-occupied spaces."⁷(DEBAISE, 2013, p.108, grifos do autor).

Voltamos aqui à questão do mantra da TAR; "o que faz fazer?" E podemos acrescentar, por que sou infectado por algumas coisas e não por outras? Essas perguntas continuarão sem resposta, mas creio ser possível aprofundar um pouco mais as questões. Continua-se seguindo Debaise que diz: "The relation between the ability 'to be affected' (passive potentiality) and 'to affect' (active potentiality) is complex, as the living can neither be explained by its environment nor by its own components"⁸(DEBAISE, 2013, p.108).

A proposição do autor é interessante pelo fato de não encerrar nos elementos individuais as razões pelas quais o sujeito é ou deixa de ser afetado, nem de atribuir o jogo de afetações somente para o ambiente. Se considerarmos somente a segunda opção, não haveria tanta variação de gostos, estilos, gestos por parte de sujeitos que compartilham ambientes similares e sabemos que isso não é verdadeiro, mas também podemos inferir que os sujeitos não desenvolvem seus gostos e aptidões de um interior que não guarda relações com o ambiente.

A ideia do jogo, do encontro — que pode ser remetida a filosofia dos encontros de Espinosa — parece uma alternativa viável de exploração. Abre-se uma possibilidade de percorrer caminhos que foquem as relações entre os sujeitos, objetos e ambientes. Podemos reduzir a assimetria moderna da exacerbação do sujeito sobre os objetos se levarmos em conta que, em muitos casos, somos levados a gostar de determinada coisa e de que somos levados a ter determinadas ações.

⁷ Tudo acontece nas zonas *entre* (*in between*) os corpos e seu ambiente, naquilo que chamamos de interstícios. Corpos e ambientes são infectados em seus espaços não ocupados.

⁸ A relação entre a habilidade de ser afetado (potencialidade passiva) e afetar (potencialidade ativa) é complexa, assim como os vivos não podem ser explicados pelo seu ambiente nem por seus próprios componentes. Tudo acontece no encontro.

Por mais estranho que essa ideia possa parecer, não há um automatismo psíquico que fará dos humanos meros marionetes ou bonecos controlados. Há a negociação entre as esferas humanas e não humanas. Talvez esteja aqui a maior diferença na conceituação da subjetividade e dos processos de subjetivação. Retira-se, ou desloca-se, do humano o protagonismo total, ou seja, ele não é mais o senhor da razão e de todas as coisas, mas se desenvolve, forma-se, conceitua-se na relação com os elementos não humanos e com os ambientes.

4 ESPAÇO E SUBJETIVIDADE

Levando as ideias das relações e do jogo entre os diversos elementos que compõem os sujeitos, Thrift (2008a) ressalta o caráter de produção de subjetividades do espaço, ou seja, os territórios e os espaços encenados também são atores não humanos que têm agência. O autor desenvolve que, em algumas situações, somos levados a fazer certas coisas e tomar certas ações que não pensávamos ou prevíamos, que não vieram de uma entidade subjetivadora interior ou de um inconsciente dominador. Os territórios devem ser levados em consideração nesse processo de subjetivação, assim como os objetos — não entendidos como meras coisas passivas a serviço dos desejos dos atores — e os sujeitos.

O geógrafo trabalha a ideia de uma política do espaço orientada pelos afetos. Faz-se necessário entender que os afetos não são necessariamente associados às emoções e aos sentimentos e de que não há uma definição estanque de afeto, que o termo pode significar diversas coisas. O mais interessante é que Thrift usa uma abordagem na qual os afetos são entendidos como uma forma de pensar, uma forma de inteligência. Com esse movimento, rompem-se as definições dicotômicas que colocam a razão de um lado e os afetos do outro. "Affect is a different kind of intelligence about the world, but it is intelligence nonetheless, and previous attempts which have either relegated affect to the irrational or raised it up to the level of the sublime are both equally wrong-headed. as a form of thinking, often indirect"⁹ (THRIFT, 2008b, p. 192).

⁹ O afeto é uma forma diferente de inteligência sobre o mundo, mas mesmo assim é uma inteligência, e tanto as tentativas anteriores que relegaram o afeto aos aspectos irracionais quanto as que o elevaram para o nível do sublime estão igualmente equivocadas.

Esse movimento é ampliado fazendo com que todos os espaços gerados pelos afetos sejam trabalhados da mesma maneira, ou seja, como formas de pensar e como pensamento em ação. Há uma interdependência, portanto, entre a produção dos espaços e a produção dos afetos. Thrift (2008b, p.192) se aproxima teoricamente de pressupostos da TAR no que tange à ação e ao considerar aspectos não humanos na construção dos processos de formação dos sujeitos. O geógrafo utiliza os termos "inumano" e "trans-humano" para se referir aos processos de formação dos indivíduos que são entendidos como efeitos dos eventos aos quais suas partes do corpo respondem e dos quais participam. Nesse sentido, ele se distancia de vertentes sociológicas e psicológicas que trabalham com as noções de emoções individuais e considera que diversos elementos que não vêm de uma interioridade mental nos fazem agir.

O autor ressalta a necessidade dos encontros entre corpos para se formarem as emoções, a produção de subjetividade, a emergência de novas práticas e encenações. Dessa forma, Thrift (2008b) recorre ao modelo proposto por Spinoza e reatualizado por Deleuze (2017), em contraponto ao de Descartes (1983), que propõe uma separação entre mente e corpo, sendo a primeira mais importante que o segundo. Dessa forma, tudo faz parte de um domínio que é simultaneamente do pensamento e do fazer. Assim, o conhecimento é um procedimento que se dá em paralelo com os encontros corporais e a interação.

Spinoza set out to challenge the model put forward by Descartes of the body as animated by the will of an immaterial mind or soul, a position which reflected Descartes' allegiance to the idea that the world consisted of two different substances: extension (the physical field of objects positioned in a geometric space which has become familiar to us as a Cartesian space) and thought (the property which distinguishes conscious beings as "thinking things" from objects).¹⁰ (THRIFT, 2008b, p. 193).

Ainda seguindo as pistas de Thrift, é possível considerar que esses encontros têm caráter político na formação dos espaços. Para o inglês, há, no século XXI, uma crescente visibilidade dos elementos afetivos na política que são trabalhados tanto por grupos locais pequenos quanto por políticos em cargos eletivos e pela grande mídia.

¹⁰ Spinoza desafiou o modelo proposto por Descartes sobre o corpo ser animado pela vontade de uma mente ou alma imaterial, uma posição que refletia a lealdade de Descartes à ideia de que o mundo consistia em duas substâncias diferentes: extensão (o campo físico dos objetos posicionados em um campo geométrico que se tornou familiar para nós como o espaço cartesiano) e o pensamento (a propriedade que distingue os seres conscientes como "coisas pensantes" dos objetos).

Faz-se necessário prestar atenção ao modo pelos quais novas formas de espaço e novas temporalidades são produzidas e constituídas, pois Thrift (2008b) aponta que essa política espacial do afeto pode ter tanto usos positivos quanto negativos. Podem-se exacerbar modelos já consagrados e deixar de lado modelos minoritários ou abrir-se para maior variedade de modelos que serão produzidos. Uma das estratégias apontadas pelo autor é da aliança dos cientistas sociais com os artistas produzindo formas de conhecimento teórico-práticas que mudam nosso engajamento com o mundo. A forma como os afetos, os encontros e a produção dos espaços acontece vai gerar diferentes subjetividades.

A noção de subjetividade, a partir desse percurso epistemológico-metodológico, deve ser apreendida como linhas ou campos de interesse e afetação interagindo num lugar e momento. Essas linhas e campos não são sujeitos individuais egocêntricos. Os atores existem, eles estão lá, mas não trabalham individualmente, e sim em concerto, numa dissolução do *eu* numa dimensão alocêntrica, num espaço que aparece como o “entre”, uma formação menos rígida das fronteiras do que pretendia o modelo clássico das distinções taxonômicas.

A subjetividade, dessa forma, não deve ser encarada pelo modelo clássico do homem racional econômico, distanciando-se da visão de que as pessoas são representadas como ilhas discretas de consciência e agência (Thrift, 2008a). A subjetividade, destronando o sujeito autossuficiente, surge como o resultado de uma experiência coletiva, uma multiplicidade de sensibilidades que criam mundos diversos, seus “lugares de existência”, nos quais há uma relação de afetação entre pessoas que se dissipam em outras, num processo constante em que capturam e são capturadas por coisas, instaurando assim uma arte da existência.

5 SUBJETIVIDADE E CAPITALISMO

Pode-se pensar que a produção de subjetividades que ocorre no sistema capitalista de produção tenha pretensões universais, e que, muitas vezes, consegue espalhar e estabelecer certos modelos ao redor do globo. Apesar disso, há movimentos de resistência, de diferenciação e não podemos dizer que o capitalismo em uma grande cidade seja igual ao de uma pequena cidade, ou que as relações comerciais são iguais no

Rio de Janeiro ou em Paris. Pauta-se essa seção na obra de Lazzarato (2014) que identifica que o projeto político capitalista tem como centro a articulação de fluxos econômicos, sociais e tecnológicos com a produção de subjetividade.

O filósofo italiano identifica um duplo movimento nas relações de subjetivação e dessubjetivação que são a sujeição social e a servidão maquínica. A primeira é focada na subjetividade do sujeito individual, ou seja, é atribuído uma identidade, um sexo, uma profissão. Dessa forma, "a sujeição social produz e distribui lugares e papéis dentro e para a divisão do trabalho. Através da linguagem, ela constitui uma armadilha semiótica significativa e representativa da qual ninguém escapa" (LAZZARATO, 2014, p. 27). Aqui, há a ideia de que o sujeito faz uso de objetos externos como meios ou mediadores, ou seja, uma lógica de sujeito-objeto, com foco na ação e usos dos humanos sobre os objetos.

Já a servidão maquínica envolve subjetividades humanas e não humanas. Ela opera através de dessubjetivações. Os indivíduos não são mais instituídos como sujeitos individuados, mas considerados como engrenagens, uma parte maquínica de agenciamentos coletivos, seja da empresa, do sistema financeiro ou da mídia. "A servidão é o modo de controle e regulação ("governo") de uma máquina social ou técnica, como uma fábrica, uma empresa ou um sistema de comunicações" (LAZZARATO, 2014, p.28). Aqui a lógica é outra, não há um sujeito que faz uso ou age sobre as coisas, mas a constituição de pontos de conjunção e disjunção (*inputs* e *outputs*) nos diversos processos econômicos, sociais ou comunicacionais. Os não humanos têm tanta importância quanto os humanos e também podem ser agentes. Há um deslocamento que faz com que os sentimentos, os afetos e as memórias não residam mais no indivíduo, mas nos agenciamentos ou nos processos entre humanos e não humanos. Mas essas instâncias não são oposições dicotômicas modernas. Elas possuem diferenças e complementaridades entre seus dispositivos e é justamente entre a sujeição social e a servidão maquínica, em seu ponto de interseção que a produção de subjetividade se dá.

Ademais, o autor identifica que a força do capitalismo reside mais nos processos maquínicos, assignificantes, que borram as fronteiras entre homem e máquina. Considera-se que a principal questão trazida pelo autor é de como libertar o processo de produção de subjetividades dos fluxos econômico, social e político dominantes.

Lazzarato (2014) não tece definições demonizadoras acerca do capitalismo, mas quer entender como sua dinâmica exerce influência nos processos de subjetivação. Para ele,

na atual configuração, a produção capitalista não é nada mais que um agenciamento de agenciamentos, um processo de processos, isto é, uma rede de agenciamentos ou processos (a empresa, o social, o cultural, o tecnológico, o político, o gênero, as comunicações, a ciência, o consumo), articulados uns aos outros. (LAZZARATO, 2014, p. 45).

Assim, a força do sistema capitalista se dá, em parte, pela apropriação desses valores e pela dominação dos mecanismos produtores de subjetividades. Mais uma vez, a dominação não é total e sempre há algo que escapa as tentativas de controle. Diferente do que possa se pensar em um senso comum, ou pelo uso equivocado do termo subjetivo — como algo que não tem valor em si, como um ponto de vista que não se discute por variar de sujeito para sujeito — Lazzarato identifica que a produção de subjetividade não alude a uma superestrutura ideológica ou a um domínio imaginário, mas diz que ela produz realidade e em especial, realidade econômica.

Seguindo na esteira do pensamento de Deleuze e Guattari (2011) em *Mil Platôs*, identifica-se no sistema capitalista uma desterritorialização seguida por um processo de reterritorialização axiomática; Lazzarato (2014) mostra como as fronteiras entre os humanos e as máquinas não são mais tão definidas. Para o filósofo italiano, essa desterritorialização é operada sobre os desejos maquínicos e não aqueles propriamente humanos. "O desejo não é a expressão da subjetividade humana; ele emerge do agenciamento de fluxos humanos e não humanos, de uma multiplicidade de máquinas técnicas e sociais". (LAZZARATO, 2014, p. 49). Cabe na visão do autor, explorar esse desejo desterritorializado para a criação de novas potências que fujam da dominação capitalista.

Para ele, o trabalho, a comunicação e a produção não são pautados pelas ações individuais ou de grupos de indivíduos, mas sim por agenciamentos coletivos. O coletivo não se restringe a indivíduos e a processos de subjetividade humana, mas inclui máquinas, protocolos, semióticas, afetos, relações microssociais, pré-individuais sejam elas humanas ou não humanas.

Algumas correntes teóricas identificam nessa interrelação humano máquina um domínio da técnica sobre o mundo, enchendo-o de automatismos e esvaziando-o de pensamento. Pelbart (2016) explica que a concepção maquínica utilizada tanto por

Deleuze e Guattari como por Lazzarato se distancia dessa "tecnofobia". Para ele, "a concepção maquínica se instala de imediato no hibridismo dos reinos, em que não se conseguiria pensar a subjetividade humana isolada do rizoma em que emerge". (PELBART, 2016, p. 139).

Pelbart (2016) segue seu pensamento considerando que há um movimento circular, um circuito contínuo entre o assujeitamento subjetivo, a servidão maquínica, a subjetivação e a dessubjetivação. Não se tratam de conceitos binários ou opostos, mas há o compartilhamento de seus funcionamentos. Há uma relação entre essas instâncias para a produção subjetiva no capitalismo.

Tanto Pelbart (2016) quanto Lazzarato (2014) desenvolvem a ideia de que a produção de subjetividade se dá na interseção — no interstício? — dos dispositivos de sujeição social e servidão máquina. Mais uma vez, vê-se a ideia da realização dos processos no cruzamento de duas ou mais instâncias, que não focam somente os processos, mas as suas ações práticas. Pelbart (2016) traz a luz uma ideia interessante no que tange o funcionamento do capitalismo e de como as "regras do jogo" podem ser alteradas. Diz ele,

Essas interpretações diversas parecem sugerir que no próprio movimento de desterritorialização capitalístico, conjugado às axiomáticas que ele multiplica, o "monstro" pode mudar de natureza. Por mais que o capitalismo dê a impressão de acaparar a totalidade do espaço, do tempo, da vida, dos corpos e das almas, do inconsciente, da própria virtualidade, no impulso mesmo de sua ampliação extensiva e intensiva ele libera linhas as mais inusitadas. (PELBART, 2016, p. 142).

É, novamente, a ideia das linhas que se misturam, cruzam-se, se recortam e sobrepõem-se. As tentativas de totalização acabam por oferecer mecanismos e possibilidades de se abrir o sistema, embora sempre haja tensões e negociações entre o poder estabelecido e a potência emergente.

Talvez seja por isso que os autores não demonizem o sistema de produção capitalista, mas tentem entender seu funcionamento para então conseguir realizar alterações, abrir possibilidades. Não se veem nas duas obras, uma vontade "revolucionária" de tomar os meios de produção e de trazer soluções de fora, mas como de dentro do sistema se pode criar algo novo. E por que se faz necessário disputar a produção de subjetividades e os processos de subjetivação no sistema capitalista? Lazzarato responde que,

A mutação subjetiva não é primordialmente discursiva; ela não tem a ver primeiramente com conhecimento, informação ou cultura, pois afeta os núcleos de não discursividade, não conhecimento e não aculturação que residem no coração da subjetividade. A mutação subjetiva é fundamentalmente uma afirmação existencial e uma apreensão de si, dos outros e do mundo. E é sobre a base dessa cristalização não discursiva, existencial e afetiva que novas linguagens, novos discursos, novo conhecimento e uma política podem proliferar (LAZZARATO, 2014, p.20).

A disputa deve se dar exatamente para abrir o mundo para novos possíveis, novas práticas, novos discursos, novos modelos que não se pretendam universais, gerais e abstratos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal ideia explorada ao longo do texto é de que a subjetividade não é o produto da interioridade dos indivíduos, mas sim de acontecimentos que se dão entre as instâncias humanas, não humanas e ambientes. Dessa forma, uma série de elementos que é relegada por um viés mais tradicional passa a ser parte constituinte da produção de subjetividades. Portanto, passa-se a considerar que as ações se dão dentro de agenciamentos, de coletivos híbridos em que "máquinas, objetos e signos são ao mesmo tempo 'agentes'" (LAZZARATO, 2014, p. 32).

Essa lógica não se pauta em binarismos dicotômicos, mas sim em relações rizomáticas do "e e e". Assim, a intenção é de mostrar como os sujeitos humanos são levados a fazer coisas por outras instâncias que, muitas vezes, são mais agentes do que eles.

Ademais, a ideia de que as coisas se dão no entre, na inter-relação, abre a possibilidade de explorar uma nova série de elementos outrora negligenciados. Como apontado por Lapoujade (2015) e Lazzarato (2014), não é questão de extinguir modelos tradicionais, mas explorar as possibilidades da criação de novos corpos coletivos, novos agenciamentos, novas subjetividades e ampliar as potencialidades que aparecem na interseção desses encontros.

Essas novas possibilidades se dão dentro da dinâmica da lógica capitalista que produz uma série de subjetividades para dar sustentação aos seus modelos de funcionamento. Para os autores utilizados, é necessário conhecer essa dinâmica para então disputar a criação de enunciados, de pragmáticas e de subjetividades que

possibilitem outros modos de existência. É a partir da ocupação dos espaços, dos encontros, dos cruzamentos entre diversos elementos que se constituem as mais variadas formas de subjetividade que passa a ser entendida como uma forma de produção coletiva e não como produto da mente cartesiana.

7 REFERÊNCIAS:

DEBAISE, Didier. A philosophy of interstices: Thinking subjects and societies from Whitehead's philosophy. **Subjectivity** 6, p.101-111, 2013.

DELIGNY, Fernand. Voix et voir. **Cahiers de l'Immuable**, 1975.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2. V. 1.** São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2. V 3.** São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão.** São Paulo: Editora 34, 2017.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes.** São Paulo: N-1 edições, 2015.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: An introduction to Actor-Network-Theory.** Nova Iorque: Oxford University Press Inc, 2005.

LAW, John; LIN, Wen-yuan. **Knowing between: patterning, ziran and nature.** 2017.
Disponível em:
www.heterogeneities.net/publications/KnowingBetweenPatterningZiranNature.pdf
acesso em 20/09/2017.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n. 1 edições, 2014.

PELBART, Peter Pal. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento.** São Paulo: N-1 Edições, 2016.

SIMONDON, G. **L'individu et sa genèse psysico-biologique.** Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

TARDE, Gabriel. Monadologia e sociologia. In: VARGAS, Eduardo (org). **Monadologia e sociologia** — e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

THRIFT, Nigel. I just don't know what got into me: Where is the Subject? University of Warwick, UK. **Subjectivity**, 22, p.82-89, 2008a.

THRIFT, Nigel. Spacialites of feeling. IN: THRIFT, N. **Non-representational theory: space, politics, affect**. Nova Iorque: Routledge, p. 189-210, 2008b.

WHITEHEAD, A.N. **Process and Reality**. An Essay in Cosmology. NewYork: Macmillan, 1929.